ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

OS RECURSOS ARGUMENTATIVOS NA PROGRESSÃO DE TÍTULOS JORNALÍSTICOS

The argumentative resources in the progression of headlines news

Eliane Aparecida Miqueletti[i]
Universidade Estadual de Londrina

Resumo: Este artigo apresenta a análise de alguns recursos argumentativos presentes em títulos de reportagens publicadas nos jornais de Dourados – MS: *O Progresso* e *Diário MS*, sobre a desnutrição infantil indígena, em 2005. Entre os recursos, destacam-se a seleção lexical, os intensificadores e os numerais, com base na Semântica Argumentativa (OLIVEIRA, 2002, 2004; AZEVEDO e OLIVEIRA, 2005; OLIVEIRA E NASCIMENTO, 2008). A partir das reflexões teóricas e das análises realizadas nos títulos, foi possível evidenciar a importância do uso desses recursos argumentativos na construção de determinado efeito de sentido. Eles relacionam-se uns aos outros de forma a conduzir o interlocutor àquilo que pretende o locutor, ou seja, adquirem força argumentativa quando empregados em contextos específicos e direcionados a públicos bem definidos. Nos títulos do *corpus* analisado, as escolhas realizadas não são gratuitas, foram usadas no discurso jornalístico como forma de argumentar, de provocar indignação diante das mortes das crianças indígenas, mostrando/ enfatizado o ponto a que chegou a situação. Dentro disso, as escolhas serviram para manter a ideia de continuidade das mortes aliada ao acompanhamento pelos veículos de informação. Instauram, assim, o efeito de progressão e de compromisso com as causas divulgadas.

Palavras-chave: Recursos argumentativos; Títulos; Reportagem.

Abstract: This article presents an analysis of some argumentative resources present in the headlines of news published in the newspapers in Dourados-MS: *O Progresso* and *Diário MS*, concerning indigenous child malnutrition in 2005. Among the resources, the lexical selection, intensifiers and numerals are more predominant, based on Argumentative Semantics (OLIVEIRA, 2002, 2004; AZEVEDO e OLIVEIRA, 2005; OLIVEIRA E NASCIMENTO, 2008). From the theoretical reflections and analyses done in the headlines, it was possible to highlight the importance of the use of such argumentative resources in the construction of a certain effect of meaning. They are related to one another in order to lead the listener to what the speaker intends to transmit, that is, they acquire an argumentative force when they are used in specific contexts and when they are directed to an audience that is well defined. In the headlines of the corpus analyzed, the choices made are not gratuitous, they were used in the journalistic discourse as a way to argue, to provoke indignation because of the deaths of indigenous children, showing/emphasizing the point that the situation got to. Furthermore, the choices have served to keep the idea of continuity of deaths in addition to the monitoring of means of information. Therefore, they install the effect of progression and commitment to the situations disclosed.

Keywords: Argumentative Resources; Headlines; Reportage.

Introdução

Este trabalho fundamenta-se na prerrogativa de que a argumentatividade é inerente à língua e que há mecanismos intencionalmente selecionados que direcionam a orientação argumentativa, como afirma Koch (1984, p.19): "o ato de argumentar constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia [...]. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende 'neutro', ingênuo, contém também uma ideologia – a da sua própria objetividade".

Nesse sentido, pretendemos analisar alguns recursos argumentativos presentes em títulos de reportagens sobre os casos de desnutrição infantil indígena[1], publicadas pelos dois principais jornais impressos de Dourados-MS: *O Progresso* e *Diário MS*. Destacamos a escolha do léxico, dos intensificadores e dos numerais. A base teórica principal advém da Semântica Argumentativa.

Justificamos a escolha pela análise dos títulos tendo em vista a importância deles para os textos jornalísticos. Um dos manuais mais requisitados pelos jornais do país, o manual de redação da *Folha de S. Paulo*, afirma a respeito do título: "Título – A maioria dos leitores lê apenas o título da maior parte dos textos editados. Por isso, ele é de alta importância. Ou o título é tudo que o leitor vai ler sobre o assunto ou é o fator que vai motivá-lo ou não a enfrentar o texto" (FSP, 1992, p.168).

Cabe observar, ainda, que o contexto de divulgação das reportagens envolve a história de luta por territórios e crenças entre a cultura indígena e a não indígena. O Município de Dourados – MS é composto por, aproximadamente, duzentos mil habitantes, dos quais quase 15 mil são indígenas. Alguns deles habitam a zona urbana, mas a maioria está dividida entre as três principais aldeias da região: a Panambizinho, localizada a 30 quilômetros da cidade, composta pela etnia Kaiowá; a Bororó e a Jaguapirú, que juntas formam a Reserva Indígena de Dourados, localizada a um quilômetro do perímetro urbano, e integra as etnias

[1] Este artigo é resultado dos estudos realizados na disciplina de Doutorado "Semântica Argumentativa", na Universidade Estadual de Londrina, em 2012, conduzido pela professora Esther Gomes de Oliveira. O material analisado faz parte do *corpus* da dissertação de Mestrado *Os casos de desnutrição infantil indígena e a mídia: constituição de imagens e de sentidos* desenvolvida durante os anos de 2006 e 2007, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (MIQUELETTI, 2007), com orientação da professora Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti. A pesquisa procurou estudar a imagem dos envolvidos nos casos de desnutrição infantil indígena construída pelas reportagens de jornais impressos de Dourados, publicadas entre os anos de 2004 e 2005. Nesse período, as mortes por desnutrição eram constantes, e a mídia local, e até internacional publicaram intensamente a evolução dos casos.

Kaiowá, Guaraní e Terena, além dos não indígenas que ali vivem, principalmente, pela união conjugal com indígenas.

A proximidade entre a cidade e as áreas indígenas permite a relação de contiguidade entre essas duas realidades, e os problemas enfrentados por elas são evidenciados pelos veículos da mídia local, como os jornais, que abusam dos recursos argumentativos com o objetivo de convencer o público leitor acerca do efeito de verdade que pretendem construir e divulgar.

Passemos a traçar algumas considerações sobre a argumentação e os principais recursos argumentativos observados nos títulos sobre os casos de desnutrição infantil indígena. Primeiramente, serão apresentadas considerações teóricas acerca da Semântica Argumentativa, do discurso jornalístico e dos recursos argumentativos enfatizados. Em seguida, a análise dos títulos revelará as estratégias argumentativas imbuídas nas escolhas desses recursos.

Considerações Teóricas

A Argumentação

Ao retomar a história da argumentação, percebemos sua relação com o uso do discurso para convencer. Suas bases estão na Antiguidade grega, ligada à retórica como procedimento argumentativo. Naquela época, a preocupação era a de ensinar os recursos retóricos para que o povo pudesse se defender nas discussões públicas, intervir ativamente no governo da cidade.

Com essa função, destacamos, na segunda metade século V a.C., em Atenas, o grupo de filósofos conhecidos como sofistas. Entre eles estava Aristóteles (383-322 a.C.), que prezava pela clareza e adequação da expressão ao contexto do discurso e acreditava que a retórica deveria buscar a persuasão dos textos. Para ele a persuasão estava ligada a três provas técnicas da retórica: ao caráter do orador, à disposição dos ouvintes e ao próprio discurso, considerações basilares para os estudos da argumentação até os dias de hoje (OLIVEIRA, 2002).

Ao longo do tempo, mais especificamente do Renascimento até o século XIX, o estudo da retórica foi marcado por períodos de instabilidades. Somente no século XX ela é consolidada e passa a ser vista como um importante objeto de estudo para diferentes áreas de pesquisa. Oliveira (2004) lembra que Ducrot e Todorov (1972) afirmam que a retórica passa a ser abordada em diferentes perspectivas pela Estilística, pela Análise do Discurso e pela própria Linguística.

Durante esse percurso de mudanças, há um processo de revalorização da retórica, conhecida como Nova Retórica, e os estudos sobre argumentação começam a perpassar outros campos da linguagem, como o da Análise do Discurso, da Pragmática, da Análise da Conversação, da Teoria dos Atos de Fala, da Teoria da Enunciação e da Semântica Argumentativa, como resume Oliveira (2004, p.119).

Nesse contexto, em 1958, Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca publicam *Traité de l´argumentation: la nouvelle rhétorique,* que representa uma volta para a retórica de Aristóteles. Os teóricos apresentam uma fundamentação teórica que ultrapassa a razão, consideram a influência de outros fatores como os sociais e psicológicos que ajudam na efetivação do objetivo do ato de comunicação. Pretendem buscar elementos de persuasão para a construção de uma argumentação que envolva técnica; a adesão do interlocutor é alcançada quando o argumentador, sem coerção, leva-o a crer no seu argumento.

Aos poucos, a análise baseada apenas na estrutura linguística é extrapolada e, entre outros teóricos, destaca-se Benveniste (1970), estudioso que inclui o estudo da intersubjetividade na linguagem, ou seja, a inter-relação entre o eu e o outro, mutuamente implicados. As teorias voltam-se para a linguagem como produção; surge a Linguística da Enunciação, que insere nas preocupações dos estudos da linguagem o lugar para a enunciação, para o discurso, para o texto e para a subjetividade na linguagem. Enunciação entendida como: "este colocar a língua em funcionamento por um ato individual de utilização" (BENVENISTE, 1989, p. 82).

Esses e outros pontos de desenvolvimento, ao longo da história, serviram para o fortalecimento da Semântica Argumentativa, preocupada em estudar a função argumentativa da linguagem. É possível notar que a ênfase recai na relação entre interlocutores em uma situação comunicativa e em fatores que interferem no ato de comunicação. Como marca Oliveira (2004, p.122), em 1976, Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre apresentam a sua teoria em artigo da revista *Langages, L´argumentation dans la langue*. Defendem que a argumentação está na língua, ou seja, que só a estrutura do enunciado não é suficiente para o seu sentido, outros mecanismos estão ligados a sua semântica. A Semântica Argumentativa surge como ramificação da Pragmática: "preocupa-se com as relações entre locutor e alocutário em determinada situação discursiva, direcionando o sentido do texto por meio de uma grande variedade de procedimentos argumentativos" (OLIVEIRA, 2004, p. 123).

Nesse percurso, Oliveira (2004) lembra que no Brasil, década de 1980, os estudos na área foram inseridos por Carlos Vogt (1980), sobretudo na obra *Linguagem, Pragmática e Ideologia,* na qual o estudioso propõe que as relações semânticas dependam de fatores pragmáticos. Destacam-se, também, os trabalhos de Ingedore Koch (1984), para a qual a semântica completa o espaço deixado pelas gramáticas de texto e resgata o discurso como estrutura dos níveis interligados: sintático, semântico e pragmático – macrossintaxe do discurso –, a partir das marcas linguísticas na enunciação. Nesse sentido, Eduardo Guimarães (1987) propõe a semântica da enunciação como fato histórico-social, agrega o uso de procedimentos linguísticos na relação homem/mundo e concebe a língua como instrumento social.

Tendo em vista as prerrogativas realizadas, podemos notar que a Semântica Argumentativa entende a linguagem como um processo dialógico e social, leva em consideração a relação intersubjetiva entre os envolvidos na comunicação. Ela preocupa-se em estudar os fatores envolvidos no ato de comunicação, na construção do todo de sentido argumentativo do discurso com vistas a atingir o outro a quem se destina.

O discurso jornalístico

Os veículos de comunicação, em especial o jornal impresso, diariamente circulam pelas cidades amparados na promessa da objetividade. O jornalista simula o compromisso com a neutralidade, a imparcialidade, a realidade, o que lhe imprime uma competência própria na seleção dos fatos. No entanto, tendo em vista a argumentatividade como parte da língua e a palavra como "fenômeno ideológico por excelência" (BAKHTIN, 2004, p.36), ao realizar certa seleção, o jornalista não apenas distingue os fatos da realidade social, mas também os hierarquiza.

> O jornal, instância enunciadora, possui uma imagem construída, seu *ethos*, pelo qual precisa zelar. Essa imagem criada de si mesmo e do leitor se manifesta nas diversas escolhas linguísticas. É na construção desse *ethos* que o jornal procura manter a confiança, a seriedade. Nesses termos, Maingueneau (2004, p.97-98) afirma que é por meio da enunciação que a personalidade do enunciador é revelada, o *ethos*: "são os traços de caráter que o orador deve *mostrar* ao auditório (pouco importa sua sinceridade) para causar boa impressão: são os *ares* que assume ao se apresentar [...]" (BARTHES apud MAINGUENEAU, 2004, p. 98).

O discurso jornalístico articula saber e poder nas mãos do jornalista, que precisa submeter-se a certas regras, limitações ou, como aponta Rossi (2005), "filtros" internos e externos à textualização, entre eles: escolha da pauta; espaço para publicação da notícia; normas de editoração; tempo limitado para elaborar o texto; as fontes de informação alcançadas e, principalmente, o enquadramento ao perfil do jornal em que atua.

Além das limitações próprias do veículo de comunicação em que se atua, é preciso levar o outro a crer em algo, direcionar interpretações. Aliás, intervém nesse ponto a noção de verdade que se revela como construção: cada discurso manipula seus efeitos de verdade de determinada maneira, utilizando suas estratégias argumentativas próprias para convencer o leitor.

Nesse âmbito, os títulos que acompanham as reportagens jornalísticas exercem papel predominante no trabalho com os recursos argumentativos que possam "fisgar" e instigar o leitor a ler a reportagem que segue e já direcionar determinada leitura. Segundo Gradim (2000, p.68), "os títulos anunciam o texto jornalístico que encabeçam, e são aquilo que em primeiro lugar o leitor apreende quando se debruça sobre as páginas de um jornal". A autora destaca, ainda, as funções do título: "informar, cativar, prender o leitor, despertando sua atenção e curiosidade" (GRANDIM, 2000, p. 70) para o texto. Justifica-se, assim, a importância de sua análise, como revelado a seguir.

Recursos argumentativos: intensificadores, seleção lexical e numerais

> Assim a linguagem é uma dialogia, ou melhor, uma 'argumentalogia'; não falamos para trocar informações sobre o mundo, mas para convencer o outro a entrar no nosso jogo discursivo, para convencê-lo da nossa verdade (OLIVEIRA, 2012, p.34).

A Semântica Argumentativa considera as relações entre os interlocutores em determinada situação discursiva, disso, a construção dos sentidos do texto de acordo com os procedimentos argumentativos escolhidos. Destacamos alguns desses recursos, tendo em vista a ocorrência no *corpus* analisado. Realizaremos apenas alguns apontamentos teóricos que serão retomados ao longo das análises.

Entre as possibilidades de análise que a Semântica Argumentativa proporciona estão as marcas de subjetividade afetiva. Ela manifesta-se na

posição ideológica do enunciador, que deixa pistas do seu envolvimento emocional com o conteúdo abordado em marcadores como: adjetivos, figuras de linguagem, modalizadores, intensificadores, frases de interrogação, exclamação, interjeição, comparadores, sufixo diminutivo, seleção lexical, entre outros. Neste trabalho, a atenção volta-se para a presença do intensificador, da seleção lexical e dos numerais.

Em relação ao processo de intensificação, este pode ocorrer de diversas formas, entre outras, pelo acréscimo de prefixos ao adjetivo, repetição de palavras, auxílio de expressões hiperbólicas, com advérbios de intensidade. Azevedo e Oliveira (2005) elencam uma extensa série deles e conceituam: "o processo de intensificação é um recurso persuasivo que enfatiza a carga significativa de uma palavra, de uma expressão ou de um texto, evidenciando seu caráter emotivo-argumentativo" (AZEVEDO; OLIVEIRA, 2005, p.10).

Diante disso, a seleção lexical revela-se como manifestação de afetividade e de argumentatividade. Tendo em vista determinado objetivo a atingir, imbuído de determinadas ideologias, o produtor do texto seleciona as palavras que lhe convêm. Segundo Aquino (2003, p. 199) "ao tomarmos a escolha lexical como ferramenta que define situações em que os falantes criam o contexto no qual irão interagir, então poderemos entendê-la não como algo que ocorre fortuitamente no discurso, mas perfeitamente concatenada aos demais elementos que o organizam."

Outro recurso argumentativo que pode marcar a subjetividade do enunciador são os numerais. Os números estão presentes na vida da sociedade desde que ela constitui-se como tal, seja para contar, posicionar, multiplicar, dividir; entre as diversas funcionalidades atribuídas a eles. Normalmente são vistos apenas dotados de natureza informativa. No entanto, trabalhos no campo da linguagem demonstram que, discursivamente, os números podem carregar, além da informação, certa carga argumentativa. Oliveira e Nascimento (2008, p. 08), em artigo que procura demonstrar a importância argumentativa dos numerais em textos publicitários, afirmam: "números atraem. Fazem parte da matemática. Fazem parte da linguagem da precisão. Mesmo agora, quando já vivemos no século XXI, poucas são as pessoas que questionam as informações numéricas, principalmente aquelas apresentadas pela mídia (...)".

Por ocuparem o *status* de precisão, os números são usados, argumentativamente, como voz de autoridade e argumento não questionado. Abreu (2006), tomando por base estudos da Antiguidade, destaca algumas técnicas de argumentação conhecidas como *lugares da*

argumentação, premissas de ordem geral, às quais o locutor recorre, tendo em vista a adesão do outro a determinados valores.

O estudioso lembra que há seis tipos de lugares: da quantidade, da qualidade, da ordem, da essência, da pessoa e do existente. Neste trabalho, interessa os *lugares de quantidade*, sobre os quais "(...) se afirma que qualquer coisa vale mais que outra em função de razões quantitativas" (ABREU, 2006, p.81). Logo, um dos traços mais característicos do lugar de quantidade é a utilização de números, ou seja, o uso de dados para basear a argumentação e impressionar o interlocutor, persuadindo-o.

Aliás, somos também seres emocionais, como destaca Abreu (2006). Dessa forma, para persuadir, a emoção deve ser atingida, e os números podem auxiliar nisso, como será possível perceber nas análises a seguir.

Análise: na progressão dos fatos, a argumentação acontece

No processo de argumentação, a recorrência a recursos linguísticos específicos é determinante. Imbricada à construção argumentativa está a propagação de informações e o direcionamento de ideologias. Nos textos midiáticos isso se mostra, por vezes, ainda mais evidente, principalmente quando se pensa nas várias versões que podem oferecer. Como afirma Abreu (2006, p.11-12), "na verdade, a mídia nos oferece uma espécie de 'visão tubular' das coisas. É como se olhássemos apenas a parte da realidade que ela nos permite olhar, e da maneira como ela quer que nós a interpretemos".

Destacamos, a seguir, para análise de alguns recursos argumentativos, manchetes jornalísticas sobre os casos de desnutrição infantil indígena, divulgadas pelos jornais douradenses *O Progresso* e *Diário MS*, entre janeiro e março de 2005:

O Progresso	*Diário MS*
A1) Desnutrição mata mais um em Dourados (CÉSAR, 22/02/2005). B1) Desnutrição mata a 4ª criança indígena (JACOMETTO; TOLOUEI, 25/02/2005). C1) Em 15h, fome mata duas crianças (TOLOUEI, 26-27/02/2005). D1) Morre a 6ª criança indígena (TOLOUEI, 28/02/2005).	A2) Desnutrição mata mais uma criança (LANGE, 22/02/2005). B2) Desnutrição faz a quarta vítima (MATOS, 25/02/2005). C2) Desnutrição faz a sexta vítima (SULEIMAN; FREITAS, 04/03/2005). D2) Desnutrição mata 20 índios em 3 meses (SULEIMAN; FREITAS, 31/03/2005).

Partindo das premissas apontadas na parte teórica, observamos nos títulos[2] A1 e A2: "Desnutrição mata **mais** um em Dourados", "Desnutrição mata **mais** uma criança", o uso do intensificador "mais" nos títulos de ambos os jornais. Este recurso argumentativo ajuda a intensificar a ideia da quantidade de mortes e de sua possível continuidade, ou seja, outros já foram divulgados e continuam ocorrendo. Cabe lembrar que os intensificadores indicam a posição ideológica do enunciador, as marcas deixadas na escolha dos intensificadores evidenciam "o caráter emotivo-argumentativo" (AZEVEDO; OLIVEIRA, 2005, p.10).

Três dias depois, os títulos B1 e B2: "Desnutrição mata a **4ª criança indígena**", "Desnutrição faz a **quarta vítima**" chamam a atenção pela utilização dos numerais para marcar o quantitativo de mortes. Os numerais servem, também, como voz de autoridade, auxiliando o *status* de precisão na divulgação dos casos e são empregados para aumentar a carga intensificadora das informações dadas pelos títulos.

Salientamos, também, a escolha lexical: enquanto o jornal *O Progresso* refere-se aos sujeitos envolvidos como "crianças indígenas", o jornal *Diário MS* usa o termo "vítima". Recorrendo ao dicionário, é possível entender melhor o sentido construído: "Vítima: 1. Homem ou animal imolado em holocausto aos deuses. 2. Pessoa arbitrariamente condenada à morte, ou torturada, etc. 3. Pessoa ferida ou assassinada, ou que sucumbe a uma desgraça, ou morte em acidente, epidemia, etc." (MINIAURÉLIO, 2001, p.715). A palavra "vítima" carrega uma carga semântica mais expressiva e impactante, imprimindo ao jornal uma

[2] Os elementos analisados nos títulos serão destacados em negrito.

imagem que pode sugerir o sensacionalismo, o que poderia ser comprovado com a análise de outras partes do jornal.

Na sequência de divulgação dos casos de mortes, os numerais marcam a força argumentativa, como ocorre nos títulos C1 e C2: "Em **15h**, fome mata **duas crianças**", "Desnutrição faz a **sexta vítima**". No exemplo C1, destaca-se, ainda, a noção de proporção trabalhada na relação entre o tempo "15h" e o número de mortes "duas". Quanto à seleção lexical, novamente percebemos que o jornal *O Progresso* procura ser mais imparcial ao referir-se a morte de "duas crianças", não as particularizando, enquanto o jornal *Diário MS* mais uma vez usa a expressão "vítimas", imprimindo certo juízo de valor na situação dos envolvidos.

Os números continuam sendo o elemento argumentativo de destaque nos títulos D1 e D2: "Morre a **6ª criança indígena**", "Desnutrição mata **20 índios em 3 meses**". Como já observado, o uso do numeral ordinário "6ª" e o trabalho com a proporção no destaque para "20 índios em 3 meses" mantém a sequência no acompanhamento dos fatos e constitui-se numa forma de levar o leitor a visualizar melhor a gravidade da situação enfatizada, atingindo sua emoção.

De maneira geral, os números auxiliam no efeito de continuidade e aumentam a expectativa do leitor em querer saber/ler as próximas notícias, os próximos números de mortes. Reforça-se, assim, o *ethos* do jornal como aquele que se preocupa com o assunto divulgado, principalmente porque tem acompanhado os casos desde o início. Os numerais que aparecem nos títulos indicam a quantidade de mortes, mas carregam uma carga argumentativa que ajuda na intensificação dos fatos, em síntese, "(...) inseridos no contexto discursivo também assumem o caráter de subjetividade da linguagem, isto é, eles ficam sujeitos à ambiguidade, o que permite serem usados como influentes instrumentos de persuasão" (NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2008, p.33).

Por fim, cabe observar que, ao trabalhar com a análise de textos de duas empresas de comunicação, a comparação é inevitável. Notamos, nas análises sobre as escolhas lexicais, como direcionamentos diferentes são evidenciados nessas seleções. O jornal, enquanto veículo de comunicação, vale-se da linguagem para persuadir, para convencer e uma mesma notícia e/ou assunto podem ser veiculados de forma diferenciada, sendo a seleção lexical um dos recursos argumentativos que mais contribui para marcar essas impressões na leitura atenta. O fato de recorrer ao discurso "crianças indígenas" permite ao jornal *O Progresso* construir uma imagem

de maior comprometimento com os sujeitos envolvidos nos casos abordados, ao especificá-los melhor. Por sua vez, o *Diário MS* pouco menciona o fato de os envolvidos serem indígenas, refere-se a eles mais como "vítimas", ou seja, imbuído à seleção do léxico, há algo de ideológico. Lembrando Aquino (2003, p. 199), a seleção lexical está ligada ao contexto de atuação, relaciona-se a outros elementos selecionados para compor o todo de sentido e é intencional.

Considerações finais

A partir das reflexões teóricas e das análises realizadas nos títulos acima, foi possível evidenciar o uso do intensificador, da seleção lexical e dos números como recursos argumentativos importantes na construção de determinado efeito de sentido. Tais recursos relacionam-se uns aos outros de forma a conduzir o interlocutor àquilo que pretende o locutor, ou seja, adquirem força argumentativa quando empregados em contextos específicos e direcionados a públicos bem definidos.

Aliás, como afirma Abreu (2006, p.25), "argumentar é a arte de convencer e persuadir", sabendo que convencer é saber gerenciar informações (vencer junto com o outro) e a persuasão envolve o gerenciar relações, tocar a emoção do outro para que, assim, ele não apenas passe a pensar como nós, mas mude de atitude.

Nos títulos do *corpus* analisado, as escolhas realizadas foram usadas como forma de argumentar, de provocar indignação diante das mortes das crianças indígenas, mostrando/enfatizando o ponto a que chegou a situação. Nesse sentido, auxiliaram na construção da ideia de continuidade das mortes aliada ao acompanhamento pelos veículos de informação. Instauraram, assim, o efeito de progressão e de compromisso com as causas divulgadas.

Referências

ABREU, A.S. **A arte de argumentar**: gerenciando razão e emoção. 9 ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2006.

AQUINO, Z.G.O de. O léxico no discurso político. In: PRETI, D. (Org.) **Léxico na língua oral e na escrita**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003. p. 195-210.

AZEVEDO, M. C. H. de ; OLIVEIRA, E. G. de. Mecanismos intensificadores no discurso publicitário. **Entretextos** (UEL), Londrina, v. 5, p. 9-20, jan./dez. 2005.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11. ed. São Paulo : Hucitec, 2004.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral** II. Pontes: Campinas, 1989.

CÉSAR, G. Desnutrição mata mais um em Dourados. **O Progresso**, Dourados, 22 fev., 2005. Dia-a-Dia, p. 2.

FERREIRA, A.B. de H. **Miniaurélio**: minidicionário da Língua Portuguesa. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GRADIM, A. **Manual de jornalismo**. Covilhã/Portugal: Universidade da Beira Interior, 2000. Disponível em: <http://www.labcom.ubi.pt/livroslabcom/pdfs/gradim_anabela_manual_jorna-lismo.pdf>. Acesso em: 29 maio 2009.

GUIMARÃES, E. **Texto e Argumentação**: um estudo de conjunções do Português. Campinas. Pontes, 1987

JACOMETTO H.; TOLOUEI, M. L. Desnutrição mata a 4ª criança indígena. **O Progresso**, Dourados, 25 fev., 2005. Dia-a-Dia, p. 1.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1984.

LANGE, M. Desnutrição mata mais uma criança. **Diário MS**, Dourados, 22 fev.. , 2005. Cidade, p.07.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação.** 3. ed. São Paulo : Cortez, 2004.

MATOS, H. de. Desnutrição faz a quarta vítima. **Diário MS**, Dourados, 25 fev.. , 2005. Cidade, p.07.

MIQUELETTI. E.A. **Os casos de desnutrição infantil indígena e a mídia**: constituição de imagens e de sentidos. 2007. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras/Estudos Linguísticos). Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/ Campus de Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, 2007.

NASCIMENTO, S. S; OLIVEIRA, E. G . O numeral como fator de persuasão no discurso da publicidade. **Tabuleiro de Letras**, v. 1, p. 1-31, 2008.

NOVO MANUAL DA REDAÇÃO: **Folha de S. Paulo**. 6. ed. São Paulo: Folha de São Paulo, 1996. primeira edição: 1992.

OLIVEIRA, A. R. P. de. Semântica. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. (Orgs.) **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. 8ª ed. Vol. 2. São Paulo, Cortez, 2012.

OLIVEIRA, E. G. de. A argumentação na antiguidade. In: **SIGNUM**: Estudos Linguísticos, Londrina, n.5, p.201-214, dez. 2002.

____. Argumentação da Idade Média ao século XX. In: **SIGNUM**: Estudos Linguísticos, Londrina, n.7/2, p. 109-131, dez. 2004.

ROSSI, C. **O que é jornalismo**. São Paulo : Brasiliense, 2005.

SULEIMAN, K.; FREITAS, H.de. Desnutrição faz a sexta vítima. **Diário MS**, Dourados, 04 mar. , 2005. Cidade, p.07.

_____. Desnutrição mata 20 índios em 3 meses. **Diário MS**, Dourados, 31 mar. , 2005. Cidade, p.07.

TOLOUEI, M. L. Em 15h, fome mata duas crianças. **O Progresso**, Dourados, 26-27 fev., 2005. Dia-a-Dia, p. 1.

_____. Morre a 6ª criança índia em Dourados. **O Progresso**, Dourados, 28 fev., 2005. Dia-a-Dia, p. 2.

VOGT, C. **Linguagem, Pragmática e Ideologia**. Campinas. Hucitec, 1980.

E-mail da autora:[i] elianemiq@gmail.com